

Todos os direitos reservados pela Paulus Editora. Nenhuma parte desta publicação poderá ser reproduzida, seja por meios mecânicos, eletrônicos, seja via cópia xerográfica, sem a autorização prévia da Editora.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Angélica Ilacqua CRB-8/7057

Guttman, Mônica
O cuidador de corações / Mônica Guttman. – São Paulo: Paulus,
2020. Coleção Contos e crônicas

ISBN 978-65-5562-080-1

1. Contos - Literatura infantojuvenil 2. Valores - Contos 3. Adolescência - Contos 4. Emoções - Contos I. Título II. Spinelli, Mirela III. Série

20-2615

CDD 028.5

CDU 028.5

Índices para catálogo sistemático:

1. Contos: Literatura infantil
2. Contos: Literatura infantojuvenil

Direção editorial
Sílvio Ribas

Coordenação editorial
Alexandre Carvalho

Coordenação de revisão
Tiago José Risi Leme

Preparação do original
Luciana Mourão Maio

Diagramação e capa
Elisa Zuigeber

Imagens
iStock

Impressão e acabamento
PAULUS



Seja um leitor preferencial **PAULUS**.
Cadastre-se e receba informações sobre nossos
lançamentos e nossas promoções:

paulus.com.br/cadastro

Televentas: **(11) 3789-4000 / 0800 016 40 11**

1ª edição, 2020

© PAULUS – 2020

Rua Francisco Cruz, 229 • 04117-091 – São Paulo (Brasil)

Tel.: (11) 5087-3700

paulus.com.br • editorial@paulus.com.br

ISBN 978-65-5562-080-1

MÔNICAGUTTMANN

O cuidador de corações

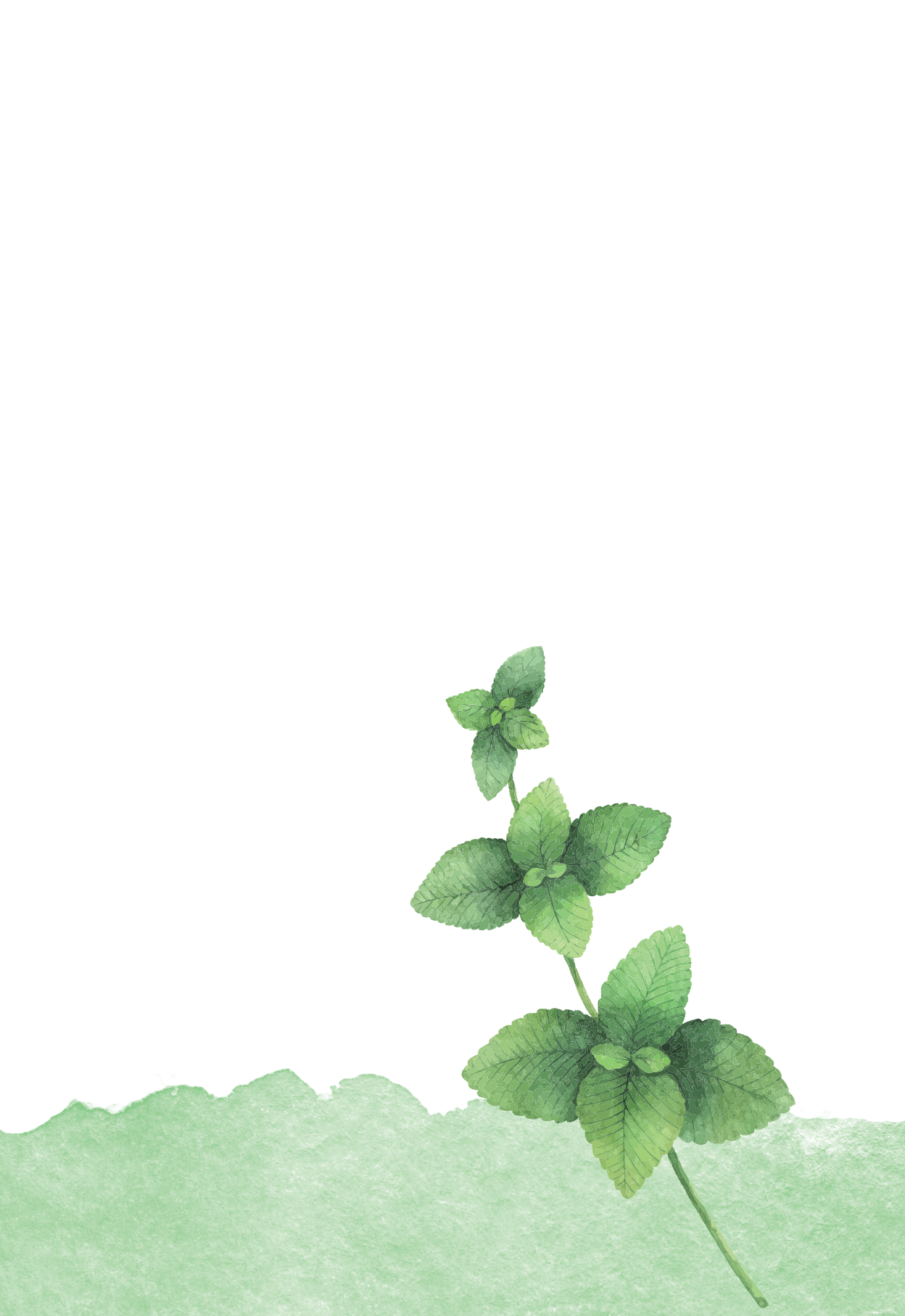




Ao coração do planeta Terra e a todos nós,
seus habitantes cuidadores!

Sumário

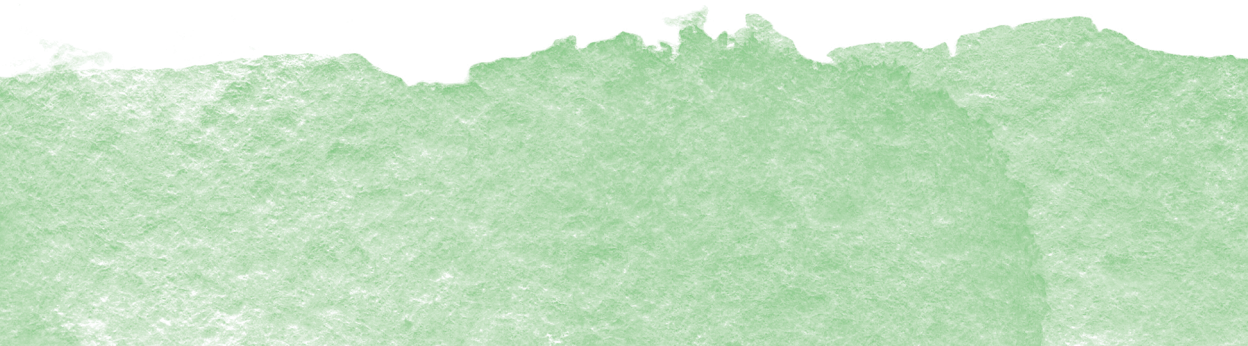
O incêndio na farmácia	7
O vento azul	17
O sonho de Deus	27
Sabrina e seu casco (ou Sabrina e a borboleta)	35
O pássaro que tudo via	43
Sol	47
A história de Aspar	53
Sonho da festa do sonho	61
O cuidador de corações	69



O incêndio na farmácia

O incêndio na farmácia começou com um estrondo forte. Toda a vizinhança se assustou, e saiu correndo de suas casas para bem longe e não voltou até que o fogo terminasse. Dizem que o fogo levou mais de cem anos para terminar e que a vizinhança nunca mais voltou.

Conta-se que aquela farmácia era um lugar diferente. Na parte da frente, uma farmácia comum, com quase todos os remédios do mercado. Na parte do meio, existia uma biblioteca, a parte da farmácia que se preocupava muito com a cura das pessoas e que verdadeiramente buscava soluções. E, na parte dos fundos, ficava um enorme jardim, cheio de plantas, em sua maioria plantas



medicinais, que podiam curar as pessoas. Mas o farmacêutico era proibido de divulgar seu jardim, pois as plantas não tinham comprovação científica e não davam lucro. Quanto à biblioteca, apenas uma pequena parte da vizinhança sabia dela e a frequentava. Eram aquelas pessoas mais curiosas, que não se contentavam com aquilo que viam e não aceitavam aquilo com que não concordavam.

O farmacêutico era um homem sério, que trabalhava dia e noite para sustentar sua família com seis filhos. Era muito preocupado em ganhar dinheiro e com o lucro de sua farmácia. Herdou a farmácia de seu pai, que também foi farmacêutico e que a havia herdado também do pai. Seu pai era um ótimo comerciante de remédios e adorava vender os remédios mais caros e raros. Já seu avô, que era um homem do campo, entendia muito de plantas medicinais e foi quem começou a cultivar esse enorme jardim que ficava no fundo da farmácia. Ele doava suas plantas, cuidava de muitas pessoas doentes, e era considerado o curador da cidade. A cidade inteira ia buscar sua ajuda, suas plantas e receitas.





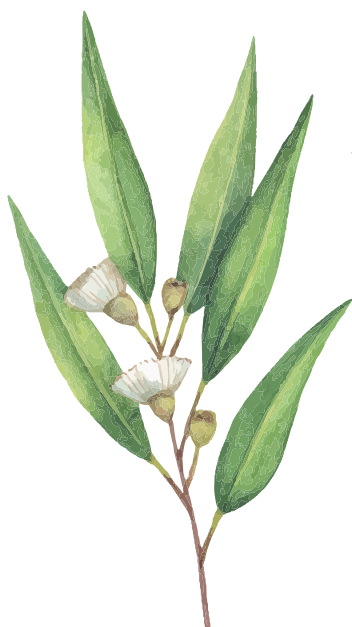
Um dia, ele resolveu vender, na farmácia, apenas plantas, verduras, legumes e temperos medicinais. Algumas coisas ele doava e outras vendia por bem pouco. Como ele havia ficado famoso, não somente em sua própria cidade, mas também em toda a região, muita gente viajava grandes distâncias para chegar até lá e comprar seus remédios naturais. Ele ganhava bastante dinheiro. Uma parte ia para sua família, e outra ele doava para aqueles que necessitavam. E foi dessa forma que sua farmácia cresceu e ficou bem conhecida. Mas, quando ele morreu, seu filho ocupou seu lugar e foi proibido de cultivar seu jardim e de vender temperos e verduras medicinais. Foi obrigado a montar uma farmácia apenas de remédios criados em laboratório.

Ele foi bem cuidadoso e criterioso, e só vendia remédios que eram necessários e que verdadeiramente ajudavam na cura. Muitos remédios foram desenvolvidos, e ele estava sempre pesquisando aqueles que realmente eram bons, mais baratos e bem comprovados. Ele adorava ler e pesquisar. Comprou tantos livros que resolveu montar uma enorme biblioteca em sua farmácia. Muitos dos livros eram tão profundos e reveladores, que curavam mais do que qualquer planta, legume, tempero ou remédio! E sua biblioteca curadora começou também a crescer. Seu pai criou

o jardim, e ele, a biblioteca! Jardim e biblioteca eram os dois lugares mais criativos e curadores! Para ele, os remédios deveriam ser doados, e não vendidos. Era um direito do povo ter saúde e se curar, e ele achava injusto terem de pagar por isso. O comércio em uma sociedade capitalista é importante, mas ganhar dinheiro com remédios ele achava muito injusto. Por isso buscava doar ou vender pelos preços o mais baratos possível.

Um dia, sua farmácia foi invadida pela polícia e ele foi obrigado a esconder seu jardim de plantas e a vender por mais dinheiro outros tipos de medicamentos, e muitos deles geravam mais doenças e não curavam ninguém. Sim! Foi obrigado a vender remédios caros que produziam mais doenças, para serem curadas por outros remédios caros! Existem muitos remédios criados em laboratórios que são fundamentais para o bem-estar e a cura das pessoas, mas a maioria deles é puro comércio.

Aqueles que não tinham dinheiro e ajuda morriam doentes. Mesmo aqueles que conheciam a medicina das plantas sabiam que nem tudo elas podiam curar e que somente outros remédios poderiam ajudar. Era muito triste saber que as pessoas morriam antes do tempo, morriam por não ter dinheiro e direito à saúde. Era triste saber que





o dinheiro estava acima da vida! O pai de nosso farmacêutico atual ficou tão deprimido com tudo isso que acabou morrendo de tristeza. Não havia planta, livro ou remédio que curasse sua profunda tristeza.

Seu filho, indignado com a morte do pai e escondendo sua dor de si mesmo, resolveu não mais pensar nem sentir, e começou a trabalhar vinte horas por dia sem parar. Seu objetivo era ganhar dinheiro para sustentar sua família e aumentar ainda mais o tamanho e a fama de sua farmácia. A farmácia cresceu e ele enriqueceu. Vendia remédios que curam, matam, adoecem e que são placebos. Vendia tudo bem caro, e somente quem tinha dinheiro frequentava sua farmácia. Aqueles que não tinham, melhor nem pensar (porque pensar nos torna responsáveis, coniventes, cúmplices!).

Por amor à tradição da família, preservou e cuidou do jardim medicinal e da biblioteca que cura. Algumas poucas pessoas que sabiam da existência deles frequentavam-nos e deles se beneficiavam. Mas eram, infelizmente, muito poucas... Por trabalhar muito sem cuidar e olhar para o que sentia e pensava, o farmacêutico enlouqueceu. E não havia planta, livro ou remédio que curasse sua loucura. Deixou na vida sua farmácia, seis filhos e uma esposa doente.



Seu filho mais velho tinha dezesseis anos e era artista. Gostava de escrever, desenhar e pintar. Mas fazia tudo isso escondido, pois, nesta família, acreditavam que artista era louco que nenhuma farmácia poderia curar! Gostava de música, flores, belas paisagens, pessoas, histórias, poesia e palavras. Gostava de expressar e sentir a vida através da arte. A arte era seu grande remédio, e não a encontrava na farmácia de seu pai. Quando ele morreu, por ser o mais velho e ter a mãe doente, herdou o cargo de dono. Tornou-se dono de algo de que não gostava e que não queria. Mas havia recebido a herança da não escolha e tinha de ser farmacêutico. Herdou a proibição de sentir, pensar e questionar. Mas ele o fazia escondido: pensava, sentia, questionava e criava escondido. E foi assim que se tornou o mais novo dono da farmácia. Na parte dos fundos, o jardim de plantas medicinais. Na parte do meio, a biblioteca que cura e transforma. E, na parte da frente, resolveu fazer uma revolução. Jogou fora todos os remédios caros que só serviam para adoecer ainda mais as pessoas. Tornou gratuitos todos os remédios de laboratório verdadeiramente necessários. E construiu, na fachada e em toda a lateral externa da farmácia, um ateliê de todas as artes: pintura, desenho, música, literatura, teatro, dança, cinema... e tantas outras. Trouxe cor, expressão e alegria para a farmácia, que, agora,

se tornara um verdadeiro lugar de cura. Como era o irmão mais velho, ninguém da família questionou. E sua mãe, apesar de doente, conhecia a alma do filho e confiava em suas intenções e criações.

Esse lugar já não parecia mais uma farmácia, mas todos sabiam que era lá que encontravam a cura. Fosse pelas plantas, pelos livros, pelos remédios de verdade, fosse pela arte, era a esse lugar que confiavam suas curas. Mas havia algo que ainda não contei. Seu bisavô criou o jardim das plantas medicinais; seu avô, a biblioteca curadora; seu pai ganhou dinheiro e preservou o que havia, e ele trouxe a arte que cura. Mas faltava a pessoa da família mais importante e que foi o verdadeiro criador da história desta farmácia familiar: seu tataravô! Foi com ele que a história da farmácia começou...

Seu tataravô era um homem sábio, generoso, do campo, um verdadeiro xamã curador. Ficou conhecido por muita gente por ter o coração grande e por curar as pessoas com seu amor. Amor em forma de palavras, abraço, escuta e presença. As pessoas sentiam-se amadas sem saber por que e descobriam que, para o amor, não existia mesmo o porquê. E era por essa razão que o amor de seu tataravô era curador. Doava amor sem saber por quê. E era disso que ele vivia e era essa



a vida que ele tinha. Doava (e recebia...) amor. Seus filhos e esposa passavam o dia no campo, plantando, colhendo e cozinhando na volta. Comiam juntos as refeições e descansavam para o dia seguinte. Mas a casa estava sempre cheia de visitas. Sempre cheia de gente precisando de amor e querendo amor. E como o amor nunca acaba, a casa nunca esvaziava. E foi assim até o tataravô de nosso atual farmacêutico artista morrer. Quando ele morreu, seu filho mais velho, bisavô de nosso artista, transformou a casa em que moravam em uma farmácia de amor e plantas que curam, e todo o resto da história vocês já sabem. Mas talvez o que não saibam, mas deduzam, é que, como pai, filho, neto, bisneto e tataraneto seguiram com a herança da farmácia, apesar de todos os desafios e contradições, o amor permaneceu ali.

Mesmo que alguns deles não olhassem seus sentimentos e pensamentos nem cuidassem deles, a herança de amor do tataravô e de sua família estava ali, presente na história da farmácia. E era por isto que ela existia; por esta razão que ela permanecia como herança: era amor transformado em remédios de verdade. Remédios que curam.





Um dia, a história de herança, cura e amor dessa farmácia terminou. O farmacêutico artista foi o último de todas as quatro gerações. As plantas, livros, os bons remédios de laboratório, as boas palavras, histórias, presença e AMOR CURAVAM DE VERDADE E ERAM DE GRAÇA NAQUELA FARMÁCIA, POIS O DIREITO À CURA NÃO PODE SER VENDIDO POR DINHEIRO! SAÚDE, CADA UM APRENDE A CUIDAR MELHOR DA SUA, MAS DIREITO AOS REMÉDIOS DE GRAÇA... TODOS TINHAM NAQUELA FARMÁCIA. REMÉDIO DE VÁRIAS FORMAS! REMÉDIO EM FORMA DE AMOR! MAS COMO AMOR VERDADEIRO NÃO TEM PREÇO, É GRATUITO E NATURAL, A MAIORIA DAS PESSOAS TEM MEDO.

A farmácia de arte, cura e amor herdada pelo tataraneto artista brilhava longe e de longe... E não somente as pessoas da vizinhança e de outros estados iam até ela: pessoas do mundo inteiro iam até lá buscar a cura. As outras farmácias do mundo começaram a se apagar. Até que, um dia, um grande incêndio tomou conta da farmácia, de sua história, de seus farmacêuticos e dessa linda e preciosa herança.